

O TRABALHO CONTÍNUO COM AS PRÁTICAS DE LEITURA EM SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Elias Linhares de Melo¹
Gleidiane de Araújo Fernandes²
Ítalo de Oliveira Aguiar³
Nirvana Sidarta Oliveira Nunes de Souza⁴
Marta Lúcia Nunes⁵

INTRODUÇÃO

Ensinar nunca foi uma tarefa fácil, passar para outras pessoas um pouco do aprendizado que se adquire durante anos de estudo requer anos de estudo e prática sobre como fazê-lo. Por mais que tenhamos, ao longo dos tempos, avançado no modo como ministrar aula, existe uma pauta sobre a qual ainda temos muito o que aprender: “como trabalhar a leitura?”. Este ponto, para muitos docentes da língua materna, é o mais difícil a ser resolvido, pois abarca o modo como abordar os alunos para a leitura, a forma como ler em sala de aula e o para quê ler.

Para que esse trabalho de modificação do ensino de leitura seja realizado, o primeiro passo deve ser dado pelo professor ao repensar as suas metodologias. Para Geraldi se faz necessário “[...] um convite à reflexão sobre o trabalho de sala de aula, e também um convite a um (re)dimensionamento destas atividades.” (1999, p. 07) Um importante método a ser modificado no ensino de leitura atualmente é o motivo da leitura, o “para quê”. Muitos professores cometem o erro de tratar o texto como pretexto, tudo aquilo que está no texto será usado para outro fim que não seja apenas o de ler e refletir sobre. A esse método Geraldi opina dizendo:

¹ Graduando pelo Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba - PB, ellias_linhares@hotmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba/PB, gleidianearaujo1998@hotmail.com;

³ Graduando pelo Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba - PB, italo.residente21@hotmail.com;

⁴ Professora graduada pelo Curso de Licenciatura Plena em Letras com Especialização em Supervisão e Orientação Educacional, pela Univesidade Estadual do Rio Grande do Norte - RN, nirvanasidarta@bol.com.br;

⁵ Orientadora: Mestre em Linguagem e ensino pela Universidade Federal de Campina Grande e professora da Universidade Estadual da Paraíba - PB, ma68lu@hotmail.com;

Observando textos colocados à disposição dos estudantes por grande parte dos livros didáticos de “comunicação e expressão”, pode-se constatar que tais textos não respondem a qualquer “para quê?”. Conseqüentemente, o único para quê lê-lo que o estudante descobre de imediato é responder as questões formuladas a título de interpretação: eis a simulação da leitura. (GERALDI, 1999, p. 73)

O texto, ao contrário de ser usado para responder às questões de atividades externas, deve ser usado para preencher os vazios do próprio texto e o único responsável pro esse preenchimento é o próprio leitor e, querendo ou não, o responsável por ensinar ao leitor como responder à esses vazios, é o professor, com aulas voltadas para a leitura silenciosa e compartilhada, onde depois são realizados debates e apontados pontos de vista de cada um dos alunos, não para ganhar nota ou preencher currículo, mas pelo simples ato de ler.

O trabalho realizado em sala de aula pelo Projeto Residência Pedagógica (PRP) pretendeu realizar essa leitura durante as Olimpíadas de Língua Portuguesa ao apresentar aos alunos os gêneros textuais memórias literárias e crônica. O objetivo final desse processo era o aprendizado e a produção independente, por parte dos alunos, de um texto que se encaixasse no referido gênero, porém, para que isso fosse feito era preciso, primeiramente, que os alunos conhecessem o gênero, lessem a respeito dele e lessem, também, textos que se encaixavam nele. Portanto, durante as aulas foram levados textos para a sala de aula e estes foram lidos de forma silenciosa e também compartilhada e, ao final dessas leituras, eram feitas breves discussões sobre o tema que o mesmo apresentava.

O intuito com isso, além de preparar os alunos para a escrita de memórias literárias e crônicas, era também o de abranger seus conhecimentos literários, mostrando a eles uma porta de conhecimento que pode ser, além de produtiva para eles como alunos, mas também como indivíduos pertencentes a uma sociedade de forma crítica e reflexiva e isso só é possível de se obter por meio da leitura.

O caminho para a mudança do ensino de leitura é longo, cansativo e difícil, mas nunca será impossível. As mudanças podem ser realizadas com pequenos gestos e estes gestos tem que partir, alguma hora, de pessoas que têm a chance de mudar nosso cenário perante o modo de ler, professores.

METODOLOGIA

Foram utilizados durante a realização do projeto, materiais xerografados, referentes ao tema estudado. Na turma de 7º ano, o conteúdo escolhido teve semelhança com o gênero

textual que seria utilizado na Olimpíada de Língua Portuguesa, narrativo, que apresentasse fatos passados que marcassem a vida de algumas pessoas, ou seja, memórias literárias.

Os alunos da referida turma passaram por algumas etapas até chegar a construção do texto original, etapas essas que consistiram muito na utilização da prática de leitura, na qual tiveram que ler outros textos para obtenção de ideias para sua própria construção, e releitura de seus próprios escritos, afim de aperfeiçoarem suas ideias cada vez mais.

De início, a intenção foi tentar fazer com que os alunos ao praticassem a leitura através de textos com temas do cotidiano, que marcassem a vida deles, como viagens e acontecimentos, mas com o decorrer do tempo, foi perceptível notar, que se aproximava a data da Olimpíada estava se aproximando, fazendo que a leitura dos textos fosse feita apenas com a intenção de identificar sua estrutura e elementos, afim de construir um belo texto.

As atividades de leitura produzidas no 8º ano não foram muito diferentes das desenvolvidas no 7º. Primeiramente, os alunos precisavam se familiarizar com textos literários, que se adequassem a proposta do gênero textual exigido pela Olimpíada: a crônica. Dessa forma, começamos selecionando o texto “Porta de colégio” de Affonso Romano de Sant’Anna, disponível no livro didático, para discutir as principais questões estéticas da crônica literária e o conteúdo temático presente na obra.

Partimos do pressuposto de que é “necessário também que o professor articule diferentes situações de leitura: oral, coletiva, individual e silenciosa, compartilhada;” (Rauen, 2010, p.19) e nisso estamos em acordo, pois a metodologia utilizada permitiu o trabalho com essas formas de leitura: a silenciosa individual, em que os alunos puderam observar a linguagem verbal e não verbal do texto, e uma leitura coletiva-compartilhada, em que os alunos puderam ler em voz alta a crônica selecionada. Concluídas essas etapas, partimos para a produção textual, em que os alunos tiveram a oportunidade de produzir textos, que foram corrigidos, reescritos e finalizados.

DESENVOLVIMENTO

A prática de leitura em sala de aula, segundo Geraldi (1999), pode ser classificada em quatro tipos: leitura pela busca de informações; estudo do texto; pretexto; e por fim; a fruição do texto.

A leitura relacionada a busca de informações, pauta-se na procura por respostas para perguntas diretas ou indiretas. Ao tratar do segundo tipo, o estudo do texto, o leitor irá tentar compreender o que o autor quis dizer nas entrelinhas de sua escrita.

A leitura que se refere ao pretexto está ligada a uma forma de castigo, na qual os educadores tendem a querer a punir os alunos por algo de errado que fizeram. Por fim, a fruição do texto está pautada em uma leitura considerada mais prazerosa, em que o aluno irá se deliciar, e muitas das vezes, admirar-se pelo gosto/mundo da leitura.

Marcushi (2009, pág. 51), aponta a maneira como os professores trabalham a prática da leitura, quando diz: “a) a compreensão é considerada, na maioria dos casos, como uma simples e natural atividade de decodificação de um conteúdo objetivamente inscrito num texto ou em uma atividade de cópia”.

Na atualidade, entre os quatro tipos de leitura apontados, pode-se notar que o ato em si, é utilizado pela maioria dos docentes, com uma forma para a obtenção de resultados ou castigos, para tentar fazer com que os alunos venham a se intimidar, ao invés de fazer com que eles criem uma intimidade com a prática de leitura. Praticando o ato de leitura dessa forma, apenas como uma forma de pretexto, para a obtenção de respostas para questionamentos diversos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos estudos realizados na escola campo de atuação, podemos elencar uma série de inferências e dificuldades encontradas ao se trabalhar com a leitura em sala de aula, sejam essas dificuldades pautadas na metodologia adotada pelo professor ou em fatores externos.

Nas duas turmas, 7º e 8º ano, uma das maiores dificuldades encontradas para um trabalho mais significativo com a leitura e escrita – levando em consideração que é impossível dissociar uma atividade da outra – foi o tempo. Nós, residentes, ficamos a par das Olimpíadas poucos dias antes da sua realização, por esse motivo, passamos por uma situação delicada, que seria elaborar práticas de aprendizagem para facilitar a assimilação do conteúdo em tão pouco tempo.

Essa dificuldade, por exemplo, não foi enfrentada por residentes de outras escolas, pois em conversa com eles, descobrimos que o material disponibilizado para a Olimpíada de Língua Portuguesa vem sendo trabalhado desde o início da atuação do Programa Residência

Pedagógica em sala de aula, enquanto, nós não tivemos sequer acesso ao material atualizado proposto para a realização da atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com a prática de leitura nunca foi e será fácil de ser desenvolvida, visto que fatores, como o tempo, exposto durante o trabalho, poderá prejudicar o planejado. O profissional docente pode ter a melhor das intenções para fazer com que os educandos se sintam atraídos pela leitura, porém se esse projeto não dispuser de tempo suficiente para o seu desenvolvimento, ele terá que pensar em outros meios para a sua realização, correndo o risco de ficar alguma carência, no que se refere à aprendizagem e interesse dos alunos.

O trabalho realizado teve o propósito de criar novos meios/métodos para fazer com que a prática de leitura seja desenvolvida com mais “clareza”, de modo que não seja mais uma atividade desenvolvida pelos alunos na instituição de ensino, e sim como um hábito que eles possam levar além do âmbito escolar, visto que aqueles que a praticam poderão ter um vocabulário mais amplo, que se utilizará no processo de interação com o outro.

REFERÊNCIAS

GERALDI, João Wanderley. Prática de leitura na escola. - In: GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

MARCUSHI, Luiz Antônio. Compreensão de texto. – In: **O livro didático de português: múltiplos olhares**. DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). – 2. ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2003; Págs. 48-61.

RAUEN, Adriana Regina Feltrin. *Práticas de leitura que estimulam a leitura*. São Paulo, 2010.

Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portal.ls/pde/arquivos/390-4.pdf>.

Acesso em: 29.09.2019